

A FORMAÇÃO DOS ATUAIS ESTADOS ÁRABES NO ORIENTE MÉDIO

Síria

José Farhat

A Síria sempre foi um problema para os Impérios que tentaram dominá-la e continua sendo. O Império Otomano, derrotado na I Guerra Mundial, deu à Síria a oportunidade de realizar parte das aspirações de uma Nação Árabe independente, proposta pelo Sherif Hussein ibn Ali (1856-1931), Sherif de Meca e Guardião dos Lugares Sagrados do Islã e descendente do Profeta Muhammad e aceita pelo Império Britânico a condição de que os árabes se rebelassem contra os turcos¹.

De fato, em 1918, após cerca de 400 anos de domínio otomano, estabeleceu-se o Reino da Grande Síria, sob Faissal I ibn Hussein (1883-1933). Derrotado pela França, detentora do mandato da Liga das Nações sobre a Grande Síria, Faissal deixou o trono sírio em meados de 1920².

A França começou imediatamente a moldar a Grande Síria de acordo com sua vontade: retirou-lhe a *vilayet* do Líbano e dividiu a área em Latakia, Jabal Druze, Aleppo e Damasco, juntando estas últimas regiões para formar, em 1924, o Estado da Síria. A intenção teria sido a divisão do território de acordo com critérios confessionais. Latakia, a região costeira a noroeste, habitada por maioria *alauita*³ e Jabal Druze⁴ na região das montanhas do sul, de predominância *druza*⁵ seriam regiões autônomas das respectivas seitas. Aleppo e Damasco com suas majorias sunitas completariam o quadro sírio. Isto casaria perfeitamente com um Monte Líbano predominantemente cristão (principalmente maronita) e as áreas litorâneas de Trípoli até Tiro com maioria sunita. Não se mencionou qual seria o destino dos xiitas do sul libanês. Num plano regional coordenado com a Grã Bretanha, seria criado também o “Lar Nacional Judeu na Palestina” prometido aos judeus. A divisão da Síria não daria certo, a do Líbano também não e só o Estado hebreu seria posteriormente impingido aos árabes.

A rebelião armada iniciada em Jabal Druze e espalhada para outras regiões, em 1925, custaria à França uma luta ferrenha de dois anos. Somente em 1928 a França conseguiu encerrar as negociações com os sírios e foi estabelecida uma assembléia nacional. Predominada pelo Bloco Nacional, intransigente nos objetivos pátrios, foi adotada uma Constituição que não reconhecia o mandato francês. A França reagiu não reconhecendo a Constituição e promulgou a sua própria em 1930. O Parlamento eleito nos termos da Constituição imposta, no entanto, resistiu às imposições do Alto Comissário da França e este resolveu negociar, suspendendo a Constituição.

¹ O Acordo Hussein – McMahon, em troca de cartas entre o Sherif e o Alto Comissário da Grã Bretanha, em 1915, mostra exatamente isto; o compromisso assumido e cumprido por Hussein e a promessa não cumprida pelos britânicos.

² Faissal, terceiro filho do Sherif Hussein, seguiu para Bagdá onde foi entronizado pelos britânicos Rei do Iraque. Seu reinado iraquiano durou de 1921 até sua morte em 1933.

³ Alauitas (do árabe: seguidores de Ali, primo e genro do Profeta Muhammad e quarto califa), seita à qual pertence a família de Hafiz e Bashar Assad.

⁴ Jabal Druze (do árabe: Montanha dos Druzos). Esta é a região do Golan (ou Julan) ocupada hoje por Israel cuja devolução é reivindicada pela Síria como condição *sine qua non* para qualquer negociação com o Estado hebreu.

⁵ A seita islâmica druzas foi iniciada no século XI.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

Prosseguindo na sua resistência à presença francesa, os protestos aumentaram, no início de 1936, com o fechamento dos serviços públicos e dos mercados por cerca de dois meses. Não restava aos franceses a não ser negociar com o Bloco Nacional.

Com o estabelecimento de um governo da Frente Popular, em Paris, os entendimentos entre sírios e franceses tiveram sucesso e foi assinado o Acordo Franco-Sírio, que passou a vigorar em setembro de 1936. A França se comprometia a encerrar o mandato em três anos e a patrocinar a entrada da Síria para a Liga das Nações e a Síria garantia à França privilégios, durante longo prazo, nos campos militar, político e econômico. Lamentavelmente, o Parlamento francês recusou a ratificação do acordo, em 1939.

Um governo do Bloco Nacional fora eleito em novembro de 1936 e continuava no poder quando começou a II Guerra Mundial o que resultou na decisão francesa de suspender a Constituição de 1930 e impor a lei marcial em toda a Síria.

Com a ocupação de parte da França pela Alemanha, em 1940, foi estabelecido um regime pró-germânico em Vichy e este governo títere passou a dominar todos os territórios franceses no além-mar, incluindo a Síria e o Líbano.

As forças aliadas da Grã Bretanha e França Livre atacaram os dois países árabes, vindos da Palestina, em junho de 1941 e, vitoriosas, garantiram à Síria uma independência nominal.

Nas eleições gerais de 1943, o Bloco Nacional teve novamente uma vitória arrasadora.

No ano seguinte, a Síria foi reconhecida pelos Estados Unidos e União Soviética e, por haver declarado guerra contra a Alemanha nazista, em fevereiro de 1945, a Síria foi convidada para a conferência fundadora das Nações Unidas. Assim mesmo, independente e membro das Nações Unidas, ao término da guerra, a França tentou novamente exercer sua plena autoridade sobre a Síria, sem qualquer sucesso e, finalmente, se retirou do país árabe em abril de 1946.

Inconformado com a derrota na Guerra da Palestina de 1948-1949, o povo sírio entrou em greve e esta manifestação acabou provocando um golpe de estado das forças armadas, em março de 1949. O regime militar durou cinco anos com a sucessão de diversos militares até a chegada ao poder do Coronel Adib Shishakli (1901-1964)⁶ que influenciou todos os governos de curta duração até quando foi eleito presidente em 1953, presidência que duraria pouco, até o ano seguinte quando foi derrubado. Shishakli era um soldado e lhe faltava uma ideologia que desse um rumo a suas políticas e tentativas de reformas. Seu problema maior foi com a perseguição às minorias alauitas e druzas fonte para enormes resistências nas regiões onde predominavam estas seitas. Acabou sendo derrubado e foi restaurada a democracia parlamentar.

Se entre os Estados árabes foi na Síria que ocorreu o primeiro golpe de estado militar, foi nela também que se realizaram as primeiras eleições livres, com participação

⁶ Adib Shishakli emigrou para o Brasil em 1960 e foi localizado e assassinado por um druzo, que se vingou do bombardeio às aldeias de Jabal Druze, ordenado pelo ele.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

plena das mulheres, em setembro de 1954. O resultado das eleições não agradou a alguns partidos políticos, inclusive ao Partido do Renascimento Árabe Socialista (Baath).⁷ Quando confrontado entre a escolha de se alinhar com partidos tradicionais tais como o Bloco Nacional ou o Partido Comunista e outras correntes de esquerda, o Baath optou por propor a união com o Egito. O resultado foi a criação da República Árabe Unida que durou dos princípios de 1958 a setembro de 1961.

Em março de 1963 um Comitê Militar, secreto, promoveu um golpe de estado, mas, devido a desavenças internas dentro do Baath a vitória beneficiou aos mais radicais encabeçados por Salah Jadid (1926-1993), um militar alauita que fora transferido para o Egito quando da formação da República Árabe Unida. Ele e Hafiz al-Assad (1930-2000), outro militar igualmente alauita⁸ e mais dois oficiais, executaram uma tomada baathista do poder e retiraram a Síria da RAU. O passo seguinte foi a substituição de todos os oficiais não pertencentes ao Baath das forças armadas. Os problemas de Jadid e Assad foram muitos, dentro do partido e conseqüentemente dentro do próprio governo, porém superaram todos e mantiveram as políticas de esquerda.

Sendo ambos, Jadid e Assad, alauitas, em uma sociedade predominantemente sunita, colocaram na presidência da república Nur al-Din Al-Atassi (1929-1992) que ficou, de 1966 a 1970, se equilibrando entre os dois.

A derrota Síria na Guerra Árabe-Israelense de 1967, quando a Síria perdeu as colinas de Golan, foi um golpe duro para o regime de Jadid. A conseqüência mais séria foi o desentendimento entre Jadid e Assad, com este exigindo providências drásticas. Jadid mantinha controle rígido sobre o partido e Assad passou a exercer maior controle sobre as forças armadas. Em fevereiro de 1969 Assad tentou retirar o poder de Jadid, mas ambos evitaram derramamento de sangue até que em setembro de 1970, Assad não forneceu ajuda militar aos comandos palestinos que lutavam contra o exército jordaniano, contrariando a promessa de Jadid. Quando Jadid convocou um Congresso Nacional (isto é: pan-árabe) do Baath, em 30 de outubro de 1970, em Damasco, o local da reunião foi cercada por militares partidários de Assad, da ala nacionalista do Baath. Jadid e seus partidários, da ala socialista, foram responsabilizados pelo fracasso na guerra e, ao término da reunião, em 12 de novembro, foram todos presos.

Assad demitiu al-Atassi da presidência da república, do conselho de ministros, da secretaria geral do Baath e mandou prendê-lo.

A partir de novembro de 1970, Assad consolidou sua posição e através de um referendun no início de 1971, tendo formado a Frente Progressiva Nacional, compreendendo partidos políticos amigos, encabeçada pelo Baath, venceu o páreo e assumiu a presidência da república, de fato e de direito.

A minuta de Constituição preparada em 1973 pela Assembléia do Povo descrevia a Síria como um “estado democrático, popular, socialista” o que desagradou

⁷ O Partido Baath nasceu em 1954, em Damasco, com o princípio básico de unidade e liberdade da Nação Árabe, na totalidade de seu solo e em sua missão de derrotar o colonialismo e a promover o humanismo; e, para tanto, deveria ser nacionalista, populista, socialista e revolucionário.

⁸ Note-se quanto é importante a ligação entre pessoas da mesma seita, no oriente; mais ainda que qualquer outra relação, pois os dois, neste caso, apesar de serem do Baath e ambos militares, certamente serem alauitas primordialmente contribuiu para uni-los.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

a um grupo de clérigos muçulmanos que reivindicou um artigo proclamando ser o Islã a Religião do Estado. Assad contemporizou argumentando que a Guerra Árabe-Israelense de 1973 era uma *jihad* contra os inimigos do Islã e que o fato de ter ido a Meca indo a *amra*⁹ provava ser ele um crente verdadeiro.

E assim Assad foi reeleito presidente em 1978, 1985 e 1992.

Assad manteve a Síria num ritmo institucional com eleições para a Assembléia do Povo a cada quatro anos. Esta é dominada pela Frente Nacional Progressista, formada por pan-arabistas, socialistas e comunistas, controlada pelo Baath e este dirigido por Assad.

É importante, não somente para a Síria e o Líbano, mas também para toda a região a intervenção de Assad na II Guerra Civil Libanesa em meados de 1976 para apoiar o campo cristão libanês de direita contra as forças nacionais islâmicas e de esquerda. Esta intervenção no Líbano lhe valeria reações internas na própria Síria, notadamente em Hama e Aleppo, que culminariam com uma repressão sem precedentes. Logo a seguir ocorreriam fissuras na elite dominante, inclusive com seu irmão tentando se aproveitar de um Assad debilitado por haver sofrido um infarto.

Assad superou galhardamente as crises para descobrir, em março de 1984, que aqueles que o haviam chamado para intervir no Líbano estavam paralelamente, obedecendo aos Estados Unidos, firmando um acordo de paz com Israel que invadira o país em 1982. Ao intervir no Líbano Assad o fez baseada na doutrina determinando que há entre os dois países uma relação especial, mas a defecção do país do cedro para o lado ianque-sionista representava não somente uma traição, mas também uma ameaça à segurança da própria Síria. A Guerra Civil Libanesa terminou com a vitória da corrente de esquerda, apoiada pela Síria.

Em 1980, a Síria assinou um Tratado de Amizade com a União Soviética.

As relações da Síria com o Egito não eram estáveis. Elas foram bastante estreitas enquanto Assad coordenou a Guerra Árabe-Israelense de 1973, mas foram se deteriorando à medida que o presidente Anwar Sadat (1918-1990) avançava nas políticas que culminariam com a paz bilateral com Israel em 1979. Assad transformou a Síria na mola mestra da Frente da Firmeza que incluía também Argélia, Iêmen do Sul, Líbia e Organização para a Libertação da Palestina que se opunha à readmissão do Egito na Liga Árabe, da qual fora expulso.

Com Michel Aflaq (1910-1989)¹⁰ dirigindo o partido Baath a partir de Bagdá onde fixara residência, Assad assumiu uma atitude de frieza em relação ao regime baathista do Iraque, então dirigido por Bakr e Hussein. Em 1978 Assad chegou até mesmo a se aproximar bastante do Iraque, mas esta aproximação acabaria se revertendo quando a Síria tomou partido do Irã durante a I Guerra do Golfo (Irã – Iraque). O relacionamento com o Iraque teve um outro revés quando Assad tentou, sem sucesso, persuadir Hussein a não atacar o Kuwait. A partir daí a Síria se posicionou contra o Iraque e

⁹ Diferente do *hajj* que é a peregrinação a Meca, durante a época apropriada, seguindo-se todos os rituais, *amra* é uma visitação em qualquer época ao mesmo local da peregrinação.

¹⁰ Michel Aflaq, formado pela Sorbonne, voltou à Síria influenciado por influencia de esquerda e passou a lecionar em escolas sírias de prestígio. Com colegas seus formou o Movimento de Renascimento Árabe que se transformaria, com o fim da ocupação francesa, no partido Baath.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

participou da coalizão encabeçada pelos Estados Unidos, enviando tropas para proteger a Arábia Saudita.

Desde quando assumiu o poder, Assad se empenhou na busca da retirada de Israel dos territórios árabes que ocupa desde a Guerra Árabe – Israelense, de 1967, no entanto a tentativa de reaver as Colinas do Golan na guerra seguinte em outubro de 1973 falhou. Como conseqüência do acordo de desengajamento, a Síria se comprometeu a não permitir ataques guerrilheiros contra Israel partindo de seu território.

Uma das conseqüências da deserção do Egito do campo árabe foi a decisão de Assad de se igualar militarmente a Israel, uma proposta bastante onerosa para a Síria. Como parte desse plano a Síria procurou manter todos os países árabes que cercam Israel unidos no mesmo propósito e foi por isto que Assad conseguiu frustrar o plano de Hussein II ibn Talal¹¹, rei da Jordânia em se aproximar de Israel.

Assad considerava os palestinos parte importante na aliança que lidava com Israel e tentou até apadrinhar o chefe da OLP Yasser Arafat, mas este permaneceu firme em seu espírito de independência.

Com o declínio da União Soviética a partir de 1989, a Síria aplacou sua atitude com relação a Israel, pois estava perdendo um de seus principais aliados e como conseqüência disto em outubro de 1991 Assad aceitou participar na Conferência de Paz para o Oriente Médio tendente ao estabelecimento de conversações entre os países árabes e o inimigo israelense. Ele sabiamente insistiu para que as conversações fossem enquadradas nas Resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança das Nações Unidas que obrigam Israel a se retirar de todos os territórios ocupados durante a Guerra de 1967. Nas conversações sírias–israelenses, Assad insistiu em que Israel se comprometesse a desocupar as Colinas de Golan antes que se entrasse em qualquer detalhamento do tratado de paz. Fato inédito: ele conseguiu que os Estados Unidos tivessem um papel ativo nas negociações sírio–israelenses.

Quando Síria e Israel chegaram a estabelecer uma agenda de dez pontos para negociação, os representantes de Síria e Israel se encontraram no início de 1996 em território estadunidense, mas quando ocorreram ataques suicidas palestinos em cidades israelenses, matando 50 pessoas, durante fevereiro e março daquele ano, o Ministro das Relações Exteriores de Israel, Shimon Peres, pediu que a Síria condenasse os ataques, Assad respondeu que essas explosões nada tinham a ver com a Síria e o ministro encerrou as negociações unilateralmente. Essas conversações continuaram suspensas durante três anos, enquanto Benjamin Netanyahu foi Primeiro Ministro de Israel e foram retomadas quando assumiu o governo Ehud Barak. E em setembro de 1999 Madeleine Albright, Secretária de Estado dos Estados Unidos apoiou a Síria em seu pedido de desocupação total do Golan. Três meses depois Barak se encontrou com o Ministro das Relações Exteriores da Síria, Faruq al-Sharra em Washington e em março de 2000 o Presidente William Clinton em seu encontro com Hafiz Assad em Genebra apresentou a proposta de Barak que incluía a retenção por Israel de uma estreita faixa na margem nordeste do lago Tiberíades, mas Assad

¹¹ Hussein II é neto do rei Abdallah I e bisneto do Sherif Hussein. Seu pai Talal, príncipe herdeiro, não agradava à Grã Bretanha devido a suas atitudes independentes e, antes mesmo de Abdallah morrer, para que não assumisse o trono, foi declarado louco e internado em manicômio em Chipre.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

respondeu oferecendo a Israel acesso à pretendida faixa, mas não a soberania. As negociações pararam por aí.

Em 1997 Assad empreendeu uma campanha de reaproximação com o Iraque.

De uma forma geral pode-se considerar que seu longo governo foi marcado por sua consistência e tenacidade. De personalidade distante e autoritária, Assad combinou realismo com frieza e disposição calculista.

No referendun presidencial de 1999 Assad obteve 99,98% dos votos válidos, contra 99,99% no de 1992, revelando o apoio do povo sírio a seu governo e durante os últimos dias de mandato, marcados pela saúde grandemente debilitada, ele libertou 225 prisioneiros políticos.

Bashar Assad (1965-) formou-se em medicina em Damasco e especializou-se em oftalmologia em Londres e, ao retornar à Síria, após a morte em acidente de automóvel de seu irmão mais velho, acabou cursando a Escola de Estado Maior e, ao se formar, foi promovido a tenente-coronel e, fato importante, foi encarregado das relações com o Líbano.

Com o falecimento de seu pai Hafez, em 10 de junho de 2000, foi promovido a tenente-general e nomeado comandante chefe das forças armadas. O parlamento baixou, de quarenta para trinta e quatro anos, a idade mínima para que um cidadão assumisse a presidência da república e elegeu Assad para o cargo em 10 de julho do mesmo ano.

Em matéria de política exterior, o novo presidente continuou a recente política de seu pai de aproximação com o Iraque. Um dos frutos não se fez esperar e o oleoduto entre os dois países irmãos foi reaberto e a Síria passou a contar com 200.000 barris diários de petróleo iraquiano¹². Também seguiu com firmeza a posição Síria com relação a Israel condicionando à total desocupação do Golan qualquer acordo de paz ou normalização de relações.

Internamente, quando noventa e nove dos mais proeminentes intelectuais pediram o fim da lei marcial que perdurava trinta e sete anos, Assad declarou que as leis de emergência foram suspensas. Ele libertou 600 prisioneiros políticos, mas outras centenas permaneceram encarceradas. A causa disto foi a pressão da velha guarda do Partido Baath, dos militares e dos serviços de inteligência o que desacelerou, de certa forma, a reforma política.

Imediatamente após os ataques de 11 de setembro de 2001 contra New York e Washington, a Síria ofereceu contribuição de seus serviços de inteligência ao governo estadunidense, na tentativa de resfriar suas relações com a potência hegemônica. No entanto, acusando a Síria de continuar apoiando o Hizbullah, os Estados Unidos mantiveram a Síria na lista de países que apóiam o terrorismo internacional.

¹² Com base em dados de 2008, a Síria tem uma reserva comprovada de 2,5 bilhões de barris de petróleo, produz 381.600 barris diários e consome 229.000; importou 160.000 bpd e exportou 155.000 bpd (o que é semelhante ao caso do Brasil que exporta parte que não interessa de sua produção e importa petróleo leve adequado a suas refinarias). A Síria também tem superávit é gás, pois, em 2008, produziu 6,5 bilhões de m³ e consumiu 4.4 bilhões de m³.